

**DELEUZE:
POR UMA ONTOLOGIA DA AULA DE FILOSOFIA
REPETIÇÃO CRIA DIFERENÇA**

**DELEUZE:
FOR AN ONTOLOGY OF THE PHILOSOPHY CLASS
REPETITION CREATES DIFFERENCE**

Marcos Ribeiro de Santana¹

Resumo

O presente ensaio corresponde à tentativa de constituição de uma ontologia da Aula de Filosofia, a partir da definição elaborada por Deleuze sobre a filosofia, entendida como “a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos”, dentro da especificidade do tema da *diferença* e *repetição*. Perspectiva traçada no âmbito do ensino médio quanto ao desenvolvimento de um mesmo plano de aula para várias turmas de uma mesma série. O desafio situa-se no problema da criação da *diferença*, quanto à prática da docência – a aula –, mesmo tendo a *repetição* de um plano de aula, para atender à obrigatoriedade de uma proposta curricular. Trata-se de criar um plano cartográfico para Aula de filosofia, mapeando a atividade de pensamento como ato de invenção, de diferenças, de devires e de acontecimentos.

Palavras-chave: Aula. Criação. Diferença (Filosofia). Filosofia.

Abstract

This essay is an attempt to set up an ontology of the Philosophy class, according to the deleuzian definition of philosophy, understood as "the art of making, inventing, creating concepts", within the specificity of the theme of difference and repetition. This perspective is outlined for high school, from the development of the same lesson plan for various groups of the same grade level. The challenge lies in the problem of creating difference, as teaching practice - the class - even when there is repetition of a lesson plan in a given mandatory curriculum. This is about creating a cartographic plan for the Philosophy class, mapping the activity of thinking as an act of invention, of differences, of becomings and of events.

Keywords: Class. Creation. Difference (Philosophy). Philosophy.

¹ Professor de Filosofia da rede pública paulista. Mestre em Educação pela Unicamp. E-mail: msantana01@hotmail.com – São Paulo, SP, Brasil.

DIFERENÇA E MULTIPLICIDADE – TRAÇOS PARA UMA AULA DE FILOSOFIA

Se há lugar e tempo para a criação de conceitos, a essa operação de criação sempre chamará filosofia, ou não distinguirá da filosofia, mesmo se lhe for dado um outro nome. (DELEUZE – O que é filosofia?)

Gilles Deleuze (1925-1995), filósofo francês, tem como acontecimento expressivo no seu pensamento a busca intensa pelo tema da *diferença*, enquanto desterritorialização do lugar comum a que ela foi submetida ao longo da história, fato que potencializa dizer que a obra deleuziana seja caracterizada como *Filosofia da diferença*. Diferença no sentido empregado por Deleuze, ou seja, ela não se encaixa dentro de uma linha de pensamento ou de uma corrente filosófica já existente. E menos situa dentre as tendências embrionárias que esperam por uma classificação: o enquadramento num rótulo representativo, marcando seu pensamento dentro das etiquetas filosóficas, denominadas pelos historiadores. Feito este que marcaria uma identidade ao pensamento deleuziano, destruindo por dentro toda a sua obra, enquanto Filosofia da diferença, pois a diferença no pensamento deleuziano implica a afirmação de *si mesma*, sem que haja a presunção de uma identidade ou a representação de um conceito geral. Isso faz com que a obra de Deleuze não seja aprisionada em nenhum signo identitário e representativo de uma corrente filosófica.

Como Filosofia da diferença, a obra de Deleuze marca a expressão de um pensamento singular, que se diferencia em si mesmo num movimento contínuo de devires e multiplicidades. Estas que são totalidades provisórias, de um todo fragmentado que possibilita novas produções. Assim, essa denominação (Filosofia da diferença) caracteriza o pensamento deleuziano não como uma identidade, mas como uma maneira, uma expressão de ser, que acentua a sua filosofia como uma “teoria das multiplicidades” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 173). Por multiplicidade, compreende os processos de movimento e de devir, na atividade de pensar a diversidade e a variedade do mundo. Acontecimento que marca Deleuze como “o filósofo da multiplicidade” (GALLO, 2003, p. 33).

Dessa multiplicidade que constitui o mundo, como um contínuo movimento de devires e criações, é que o presente ensaio se situa como atividade de pensamento, correspondendo à tentativa de constituição de uma ontologia da Aula de Filosofia, precisamente para a sua utilização no ensino médio. Perspectiva traçada a partir da definição do próprio Deleuze sobre a filosofia, apresentada juntamente com Guattari na obra *O que é filosofia?*, que é uma resposta a essa pergunta que tanto inquietou os filósofos e, segundo

Deleuze e Guattari (1992, p. 9), só podia ser respondida na velhice, embora essa questão sempre tivesse transitado de uma forma ou outra ao longo de toda a vida (dos autores) de “maneira muito indireta ou oblíqua, demasiadamente artificial, abstrata demais; expúnhamos a questão, mas dominando-a pela rama, sem deixar-nos engolir por ela” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 9). A resposta é evidente logo nas primeiras páginas. É o resultado de uma experimentação-vida, algo construído ao longo de uma intensa atividade de pensamento. Para Deleuze e Guattari (1992, p. 10), “a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos”. Como também “a filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos [...] Criar conceitos sempre novos é o objeto da filosofia” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 13-14). “O filósofo é aquele que tem o conceito em potência, ele é o amigo do conceito, é o conceito em potência”. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 13). A filosofia cria conceitos sempre singulares, algo *imanente* que emerge da própria realidade, fato que faz com que ela não seja nem *contemplação*, nem *reflexão* e nem *comunicação*, como foi definida e trabalhada por inúmeros filósofos ao longo da história. E, para Deleuze e Guattari (1992, p. 15), “a contemplação, a reflexão e a comunicação não são disciplinas, mas máquinas de construir Universais em todas as disciplinas”. Perspectiva conceitual de filosofia que será desenvolvida dentro da especificidade do tema *diferença e repetição*, lembrando que, para Deleuze, a filosofia se confunde com a ontologia; esta, por sua vez, se confunde com a univocidade do ser; ser: singular e diferente, que faz pensar uma ontologia da Aula de Filosofia, como algo singular e diferente, capaz de diferir de si mesma, quando repetida.

O caminho para o desenvolvimento da proposta da criação de uma ontologia da Aula de Filosofia para o ensino médio é o *rizomático*, “sistemas, acentrados, redes de autômatos finitos, estados caóticos” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 276), fato que possibilita pensar a obra deleuziana como um *rizoma*, que remete às diversas conexões e à multiplicidade de pensamentos. O rizoma não começa, não conclui; ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter – ser, *intermezzo*, ele é aliança, unicamente aliança. Pois é no meio que, segundo Deleuze, tudo se brota tudo se cria. Isso significa dizer que há inúmeras maneiras de pensar e expor essa temática (ontologia da Aula de Filosofia) e, dentre elas, ao pensar na perspectiva do rizoma, esse meio pela qual tudo se cria é o *problema*.

Nesta perspectiva, para Deleuze, a atividade de pensamento, proposta pela filosofia com o objetivo da criação de conceitos, inicia-se com o enfrentamento dos problemas, ou seja, a partir dos problemas, há possibilidade de criar uma compreensão da realidade, uma visão de mundo ou um conceito próprio. Também é através de um problema que transita este

texto, pensado a partir da seguinte questão: a repetição de algo é a imitação, a reprodução, a cópia do mesmo – o idêntico? Ou a repetição de algo é a criação, a produção, o novo – o diferente? Precisamente, esse problema da repetição é deslocado para pensar a aula de filosofia desenvolvida várias vezes numa mesma série e em classes diferentes: trata-se da imitação, da reprodução do mesmo, conseqüentemente, a identidade; ou trata-se da criação, da produção do novo – da constatação da diferença?

É pelo enfrentamento dos problemas que se torna possível a criação de pensamentos próprios. Porém, para que esse propósito aconteça de fato, o caminho traçado passa pela necessidade de investigar o *já pensado*, precisamente como e de que maneira foram construídas as resoluções desses problemas ao longo da história da filosofia, o que faz da *historicidade* um componente necessário para todo conceito, pois ele nunca é criado do vazio, “jamais são criados do nada” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 31). Porém, a investigação da história da filosofia não deve se reduzir ao acúmulo de informação ou ao domínio de ideias ou doutrinas, à mera reprodução de um pensamento já criado. Mas, sim, resulta em apropriar-se das brechas do ainda não pensado, criando um pensamento novo, cujo foco se volta agora para o enfrentamento dos problemas da própria realidade atual. Assim, ao pensar esses problemas, propondo saídas, soluções para eles, chega-se à efetivação da experiência do pensamento, em que há a recriação dos conceitos inicialmente problematizados e investigados, como também a possibilidade da criação de novos conceitos, estabelecendo um ponto de vista sobre a realidade.

Dessa maneira, ao mesmo tempo que o presente texto investiga como se apresenta a definição de *filosofia*, o conceito de *diferença* pensado por Deleuze, também propõe a criação livre de *conceitos*, estabelecendo, assim, uma de *ontologia da aula de filosofia*. É neste aspecto que o ensaio ganha o *plano da imanência*, a *diferença* volta-se para a singularidade de pensar uma das especificidades do exercício da docência – a aula – no componente curricular filosofia, quanto à sua constituição (ontológica) e prática. Um plano cartográfico para aula, mapeando a atividade de pensamento como criação do novo, de diferenças, de devires e de acontecimentos.

REPETIÇÃO: REPRESENTAÇÃO DO IDÊNTICO OU CRIAÇÃO DA DIFERENÇA?

Quando a diferença é subordinada, pelo sujeito pensante, à identidade do conceito [...], o que desaparece é a diferença no pensamento, a diferença de pensar com o pensamento [...]" (DELEUZE 2006b – Diferença e Repetição)

Para pensar sobre a constituição e a prática de uma aula de filosofia para o ensino médio, primeiramente é preciso um breve apontamento sobre o conceito de repetição. Visto que, no contexto escolar atual, um docente leciona uma aula, com o mesmo tema, para diversas turmas da mesma série, fato que proporciona a seguinte questão filosófica: a repetição reproduz a mera representação do mesmo – o *idêntico*? Ou a repetição produz a construção de algo novo – a *diferença*? Esse problema foi tema subjacente na agenda de grandes pensadores ao longo da história da filosofia – temática que traz a questão ontológica do *princípio da identidade*, havendo a supremacia da identidade sobre a diferença, esta vista como a sombra da outra. Supremacia fundamentada no registro das *representações* e do *conceito geral*.

O princípio da identidade, a ligação estreita com a representação, tem como grande expressão inicial a filosofia platônica, com a *Teoria das Ideias*. Platão afirma a existência do *Mundo Inteligível* e do *Mundo Sensível*; e, na fundamentação teórica platônica, há o dualismo, que opõe *mundo inteligível* ao *mundo sensível*. O primeiro, caracterizado pela ideia (forma pura), corresponde ao *mundo das essências* – o mundo verdadeiro, que tem como princípio original a *Ideia do Bem*. O segundo corresponde ao *mundo das aparências*, que se apresenta como uma realidade deficitária, enganosa, por ser *cópia* de ideias puras. Ou seja, o mundo inteligível corresponde ao modelo, ao arquétipo, ao fundamento para constituição do mundo sensível. O que significa que há uma repetição como cópia do Mesmo.

Para Deleuze (2006b, p. 368), o Mesmo, representado na filosofia de Platão, sustentado pela Ideia de Bem, deu lugar à Identidade do conceito originário que ganhará sustentação no sujeito pensante. Ao princípio de identidade, através do sujeito pensante, são atribuídos os conceitos de subjetivo, memória, reconhecimento, consciência de si, determinando a primazia da identidade sobre a diferença, esta que sempre foi pensada em relação à identidade e nunca por si mesma. Portanto, torna-se preciso restaurar a diferença em contrapartida à perspectiva elaborada na tradição filosófica, desfazendo as construções

conceituais que tendem a representar a diferença sob a óptica do princípio da identidade e de todas as diversidades de pensamento que parte desse fundamento.

Nesta perspectiva, a proposta de Deleuze, na sua atividade de pensamento, consiste em liberar a diferença da primazia da identidade, do fundamento metafísico, da essência como princípio de tudo o que *é*, desvinculando a diferença da representação, da sensibilidade, da objetivação e de qualquer explicação. Isso significa uma reivindicação da diferença como a implicação de um diferenciar-se constante de si e de tudo, constituindo-se como um devir, uma potência, uma afirmação e uma intensidade pura; traçada na proximidade do acontecimento.

DIFERENÇA IMPLICA INTENSIDADE ACONTECIMENTAL

[...] o ser da diferença é implicação. Se ela se explica, se anula, conjura a inigualdade que a constitui [...] (DELEUZE – *Diferença e Repetição*)

Ao percorrer a obra de Gilles Deleuze, nota-se uma preocupação intensiva com o tema da *diferença*, tanto que seu pensamento, como afirmado anteriormente, se expressa no sentido de uma *Filosofia da diferença*. Com esse intuito, Deleuze procura primeiramente pensar a *diferença*, deslocando-a do registro da *representação*, cuja consequência a mantinha presa ao *princípio da identidade* – fato este presente em toda a tradição filosófica – que, no pensamento de deleuziano, ganha outra perspectiva, ou seja, a diferença libera a sua força intensiva, potência primeira. E procura entendê-la como *diferença em si*.

Para Deleuze, a diferença, atrelada ao princípio da identidade, foi sempre apresentada como conceito de uma potência derivada ou como negação do ser, estando submetida ao reino da representação, composto pela raiz quádrupla: *identidade, analogia, oposição e semelhança*; impossibilitando de não ser princípio, não ser primeira e nem pensada em si mesma. Essas quatro raízes (ou as quatro ilusões) da representação, enquanto conceito geral, estão moldadas num sentido metafísico, simultaneamente conectadas a uma teoria do conhecimento estruturada no princípio da razão que define a *identidade* do *conceito*, a *oposição* no *predicado*, a *analogia* do *juízo* e a *semelhança* da *percepção*. Noutros termos, a representação como conceito geral é *idêntica* para todos os diferentes objetos que designa; no âmbito da percepção, elimina as diferenças em vista das *semelhanças*, podendo ocorrer *oposição* entre diferentes predicados, devido ao fato de que são idênticos quando atribuíveis a

um sujeito do juízo; e de que há a *analogia* entre os juízos reais e possíveis com relação ao ser (CRAIA, 2005, p. 60-61). No caso específico da diferença, quando ela não se enraizar nesse quadrante será, segundo Deleuze (2006 b, p. 365), “[...] desmesurada, incoordenada, inorgânica: grande demais ou pequena demais, não só para ser pensada, mas para ser. Deixando de ser pensada, a diferença dissipa-se o não-ser”. Isso significa que a *diferença em si mesma* foi excluída da representação. Quando pensada, a diferença acaba sendo associada ao conceito geral e, enquanto pensável, deixa de ser diferente para tornar-se identidade, identificável.

No que se refere à representação, Deleuze apresenta duas dimensões desenvolvidas no pensamento filosófico: a *representação orgânica* e a *representação orgíaca*. A orgânica tem como matriz fundante a filosofia de Platão, já comentada anteriormente, que prima por um fundamento único baseado na *Ideia*. Pertencente ao mundo inteligível, a *Ideia* torna-se o modelo para a *cópia*, o mundo sensível; e deste aparece o *simulacro*, que está relacionado à arte e se constitui como a cópia da cópia, imperfeição da imperfeição. Compete à identidade ser o eixo condutor da filosofia platônica, ou seja, há uma relação de identidade entre a ideia (fundamento) e a cópia (fundamentado), concedendo a esta uma fundamentação. Fato que não ocorre com o simulacro (infundável), que fica totalmente ausente dessa fundamentação. “[...] o platonismo se define por uma tríplice operação que instaura a representação: estabelecimento de um Modelo (o Mesmo), seleção da semelhança (a Cópia), e expulsão da diferença (o outro). Essa tríade da metafísica: Original, Cópia, simulacro [...]” (PRADO, 1992, p. 63, apud CRAIA, 2005, p. 62). A representação orgânica se constitui de forma geral *finita*, sobre a base da identidade, na relação *Ideia* e *Cópia*.

Na representação orgíaca, Deleuze destaca dois pensadores modernos, Leibniz e Hegel, que desenvolvem o conceito de diferença na perspectiva do infinito, levando-a a seu limite. Especificamente, Leibniz pensa a diferença no infinitamente pequeno, enquanto Hegel a pensa no infinitamente grande. Na especificidade da elaboração teórica de cada autor, o que merece maior atenção é o fato de que os dois pensadores são devedores do princípio da identidade.

Segundo Deleuze, mesmo levando a diferença à extensão de seu limite, precisamente ao infinito, Leibniz e Hegel não a libertam do princípio da identidade, tampouco da representação, pois o princípio de identidade pressupõe a representação. Isso faz com que a diferença continue subordinada à identidade, na ótica do negativo (Hegel) ou na similitude e na analogia (Leibniz).

A proposta de Deleuze quanto às discussões sobre a diferença consiste em liberá-la do registro das representações e do princípio da identidade. Ao fazer isso, a diferença é pensada em si mesma. O que significa que ela deve ser afirmada, ser primeira, irreconhecível, no sentido de que a *diferença* vai *diferindo-se* dela mesma, num *devoir* constante. Noutras palavras, a diferença difere dela mesma, porque não contém identidade (o idêntico), não se nomeia, nem pode se adequar a uma representação. Para Deleuze, a diferença se caracteriza enquanto ser primeira, no sentido preciso de princípio nômade e nunca fundacional.

Livre do registro da representação do conceito geral, do idêntico, de ser portador de uma essência, a diferença, embora num primeiro momento deva ser buscada no terreno do sensível, precisamente na *força do sensível*, situa-se entre o conceito geral e a percepção do sensível. Numa relação de atravessamento e de convivência aberrante, tem-se por um lado o conceito geral e a percepção sensível e, por outro, a diferença: “uma cobrindo a outra, e esta, por sua vez, possibilitando que a envolva” (CRAIA, 2005, p. 72).

A diferença em si, na expressão de Deleuze, compreende uma diferença de potencial, de intensidade pura e imensurável, fazendo com que o mundo da diferença seja intenso e previsível. Nota-se também que, ao pensar a diferença primeira, ela não corresponde ao dado, mas àquilo pelo qual o dado se faz dado. O dado precisamente consiste no diverso, percebido na sensação, quando deparado em um fenômeno. Isso significa que a diferença não se confunde com a diversidade (o dado), mas ela possibilita o fenômeno, permitindo que se produza a sensação.

Assim, a intensidade como expressão da diferença, mesmo extraída do sensível, também está além dele. O sensível entendido como diversidade dada à percepção. Ou seja, ao perceber, sente-se uma diferença de intensidade, algo que só pode ser percebido como sensível, pois se anula quando sentido, significando que a diferença, em si, não pode ser explicada: “A diferença é inobjetivável e irrepresentável; ela não é nem diversidade na percepção nem identidade no conceito, mas diferencial intenso que atravessa e gera tanto um como o outro” (CRAIA, 2005, p. 75). Na perspectiva deleuziana, a diferença não se explica, mas, sim, implica. Pormenor, a diferença está implicada no sensível, permitindo a percepção, sem que possa ser percebida, atravessando o terreno da representação sem ser coabitada, representada. A diferença, em si, consiste num *Devoir* eterno que nunca é o mesmo. Trata-se de uma intensidade pura, imensurável sem os atributos da percepção e da representação. Diferença como pura intensidade, diferindo-se de si mesma e se perdendo como diferença, quanto remetida ao conceito geral da representação.

Para escapar ao registro da representação e da percepção sensível e pensar a diferença em si, como princípio, como primeira, torna-se preciso levá-la a seu momento mais intenso, que, segundo Deleuze, consiste no *eterno retorno* nietzscheano. O eterno retorno circunscreve o lugar onde a diferença se faz primeira, absoluta, afirmativa e se desterritorializa da territorialização do lugar comum, do idêntico, do mesmo, da repetição, da cópia ao seu modelo – a ideia, como extremidade última no infinitamente pequena (Leibniz) ou infinitamente grande (Hegel).

Em Deleuze, o eterno retorno cria aquilo que não pertence à *identidade*, nem gera a *oposição*, escapa a qualquer *analogia* e *semelhança*. A força circulatória do eterno retorno produz a *repetição* – uma diferença pura e intensa, que não reproduz a *representação* –, uma identidade originária e fundante. Na repetição aparece a diferença, pois, ao repetir, aquilo que repete se apresenta como novo, difere daquilo ao qual repete, enquanto este já se constitui nele mesmo como diferente. Isso acontece porque a *vontade de poder* nutre a força circulatória do eterno retorno, fazendo-se presente não nos graus de quantidade ou de qualidade, mas, simplesmente, na *intensidade*. Elevada até o seu limite, a sua potência máxima, a intensidade se repete e se faz diferente. Este processo só se realiza pelo eterno retorno, não havendo espaço para a identidade, fundamento ou ponto original.

No eterno retorno o único que pode ser o mesmo consiste no ato de retornar constantemente como diferente. Trata-se de um Devir, um círculo descentrado (eterno retorno). A diferença acontece quando levada ao limite da intensidade e da potência, possibilitada pela repetição no eterno retorno, o que faz o eterno retorno e a diferença serem inseparáveis no plano ontológico.

Para Deleuze, a diferença implica uma intensidade acontecimental. A diferença não pode ser explicada, porque a explicação está no âmbito da representação da identidade e da negação. Trata-se de um princípio ativo proporcionado por intensas afirmações, circunscrito no círculo descentrado do eterno retorno.

Na perspectiva dessa noção de diferença que possibilitará, como atividade de pensamento, conceber a aula, que repete, constante, no exercício da docência, como processo de criação do novo; um plano de imanência, constituído na intensidade e nos acontecimentos.

PLANO DE AULA: UM PLANO CARTOGRÁFICO

Por intermédio destes problemas, elas inspiram as reincidências, isto é, as soluções diferenciadas que encarnam essas relações e singularidades. (DELEUZE – Diferença e Repetição)

Um plano de imanência, para a constituição e a prática de uma das atividades específicas da docência – a aula –, que pode ser traçada como um plano cartográfico, trazendo trajetos delineados pela intensidade que visa o horizonte do Acontecimento. Este que não se esgota em si, numa identidade, por ser imaterial, incorpóreo e virtual. Um plano cartográfico esboçado por linhas que diferem dos planos de aulas, comumente apresentado como o modelo para repetição idêntica de sucessivas aulas. Esse plano de aula pode ser identificado como plano transcendental, que consiste na busca do ideal, preferivelmente *a aula ideal*.

Tal fato se caracteriza sob o pano de fundo do *princípio da identidade*. Numa perspectiva a partir da filosofia platônica, pode representar a formulação de um conceito de aula, verdadeira, original, única, que será o fundamento, o modelo das outras sucessivas aulas, apresentando-se como cópias dessa *aula ideal*. Esta se tornaria o critério de avaliação, ou seja, as aulas serão “boas” quando mais se aproximarem dessa aula ideal; e tudo o que escapa, todas as que diferem são taxadas de “más”, subversivas, perigosas, sem objetivos, sem metas. Dentro da óptica platônica, aquilo que está fora da Ideia, do original e da cópia compreende o *simulacro*, classificado como imperfeição da imperfeição, por não se adequar nem se assemelhar ao modelo. Porém, o simulacro consiste extremamente no ato de criação. Do diferente. Para Deleuze (2006b, p. 384): “O simulacro é o sistema em que o diferente se refere ao diferente por meio da própria diferença. Tais sistemas são intensivos; eles se apóiam, em profundidade, na natureza das quantidades intensivas que entram em comunicação através de suas diferenças”.

O *plano de aula*, pensado comumente na educação, privilegia certa identidade, uma Ideia Pura de Aula, que acaba por valorizar Aulas-cópias, em detrimento das aulas-simulacros, que potencializam a criação. Um *plano de aula* transcendente, constituído sob o fundamento de um mundo inteligível, organizado, hierarquizado (objetivos, estratégias, tempo previsto, metodologia, resultados esperados, didáticas, avaliação e recuperação). Um *plano de aula* que existe *a priori*, de forma *idealista*, não havendo brechas para diferença, ficando esta à sombra, submissa às representações, visto que as aulas-cópias devem repetir o modelo, sendo passíveis a repetição e o controle do agir, do fazer, do dizer, do sentir e do pensar.

Professor e estudante presos aos grilhões de uma aula ideal, tendo que percorrer caminhos predefinidos e metas a cumprir – um fim a ser alcançado.

No plano cartográfico, a Aula-simulacro corresponde a linhas diferenciadas do centro da Ideia, do modelo, da essência identitária da Aula. Pensada numa óptica deleuziana da Filosofia da Diferença, trilha um plano de imanência, em que a aula deve ser traçada por criações diferenciadas mapeadas por experimentações, que caracterizam a aula como *devir-simulacro*. Uma imanência nutrida com a força do eterno retorno, potencializada pela Vontade de poder, em que repetição não reproduz o Mesmo, mas produz diferença pura, significando que uma aula dada, diferenciada, não pode ser modelo para a próxima. Esta, por sua vez, difere de si mesma, o que caracteriza o plano de aula-simulacro como *plano-nômade*, num devir constante, num círculo descentrado que cria algo novo, pensado a partir de problemas.

O plano de aula-simulacro cria pensamentos, devires, singularidades, que mantêm a diferença, numa afirmação sobre a negação; o múltiplo sobre o uno; o nômade sobre o sedentário, em que não há hierarquização, nem a pretensa busca pela Verdade e pelo Poder. Essa atividade de criação, em Deleuze, tem a dimensão do *Pensamento sem Imagem*: um encontro com signos, não pensado por representação, por reflexão ou contemplação, mas como criação de conceitos na perspectiva dos problemas, havendo a preocupação com o sentido (criação) e não com a verdade. Pensamento que tem a pretensão não de controlar o mundo, mas de criar possibilidades para criar novos mundos, novos olhares sobre ele.

Nessa perspectiva, no plano de aula-simulacro, o pensamento se potencializa por agenciamentos, que compreendem a multiplicidade de elementos heterogêneos, devires, afetos, acontecimentos. Agenciamentos traçados com seus componentes: *estados de coisas*, contexto escolar e realidade existencial do estudante. *Estilos de enunciação*, composição dos signos, seja no confronto dos textos filosóficos ou não filosóficos, para, desse encontro, criar pensamentos. *Territórios*, o lugar onde possa ocorrer a transformação, o deslocamento; *movimentos de desterritorialização e reterritorialização*, caminhos traçados pelo plano cartográfico, para criar novos olhares, novos pontos de vista sobre o mundo e sobre a própria realidade.

A aula como agenciamento, como ato de criação, que, para Deleuze, não consiste numa atividade exclusiva da Filosofia, mas que está presente em outras atividades do pensamento, como, por exemplo: A Arte e a Ciência. Cada uma, na sua especificidade, produz pensamentos conforme sua experimentação. A ciência produz *funções*. A arte produz

afectos e *perceptos*. E cabe à filosofia a exclusividade de produzir *conceitos*. São três abordagens que não se excluem, mas se complementam e se potencializam para ativar cada vez mais a produção de pensamentos, marcando uma dimensão transversal entre essas abordagens dentro da formação educacional.

A constituição desse plano cartográfico se localiza no rizoma, expressão deleuziana para pensar estratégias longe da hierarquização, do método, de pontos originais e fins estabelecidos. O rizoma consiste no pensar por conexões entre pontos quaisquer e na multiplicidade de pensamentos, não havendo nem sujeitos nem objetos nesse procedimento.

Assim, no exercício da atividade de pensamento, como a arte de criar conceitos, pontos de vista sobre algo não significa fechar numa ideia única, verdadeira, mas possibilitar novos pontos de vista, novas criações. Isso faz com que a aula possa ser pensada como um jogo. Ou seja, no jogo há encontros de corpos, de pensamentos, de acasos, tornando-se o local propício para criar singularidades.

Apropriando-nos do pensamento de Deleuze, o jogo pode ser pensado sob várias maneiras, mas ele destaca duas espécies que se opõem: o humano e o divino ideal. O jogo humano pressupõe, de antemão, regras categóricas, cujo efeito determina probabilidades, hipóteses de perda e de ganho, negando o acaso; em que a hipótese se caracteriza pelo Bem e pelo Mal, fazendo do jogo um aprendizado moral. Um jogo de exercício da representação com todos seus componentes: “a identidade superior do princípio, a oposição das hipóteses, a semelhanças das jogadas numericamente distintas, a proporcionalidade na relação entre a consequência e a hipótese” (DELEUZE, 2006 b, p. 390).

O jogo divino, que, no campo da representação, torna-se difícil de ser jogado, em que não há regras preexistentes, porque o jogo incide sobre sua própria regra, afirmando o acaso e se adequando a ele, retendo e ratificando todas as consequências possíveis. Um jogo em que não há representações, mas diferenças, potencializadas no círculo deslocado do eterno retorno, um ponto em que não há origem e, sim, deslocamentos de pontos aleatórios: “[...] diferentes jogadas, que inventam suas próprias regras e compõem o lance único das múltiplas formas e do retorno eterno, são questões imperativas subtendidas por uma mesma resposta que as deixa abertas, que nunca as preenche” (DELEUZE, 2006 b p. 390). Esse jogo traz a emergência do problema, possibilitando o surgimento de singularidades de pensamento e soluções diferenciadas, nunca fechadas em si mesmas, mas sempre abertas para novas soluções e novos pontos de vista sobre esse problema.

Duas características de jogo que se opõem: o jogo problemático da diferença e da repetição ao jogo do hipotético do Mesmo e da representação. O plano de aula pensado na educação se aproxima do jogo hipotético, com suas regras metodológicas e avaliativas, um modelo que se repete, sedentário, e que estratifica o pensamento, mantendo o *status quo*. A aula de filosofia nesses moldes se constituiria como reflexão, como contemplação, fato que, para Deleuze, não seria propriamente filosofia. A reflexão, cuja origem, no verbo latino *reflectere*, significa “voltar atrás”, trata-se de re-pensar, retomar, reconsiderar os dados disponíveis na história da filosofia, buscando e avaliando os seus significados. Na reflexão, não há criação, apenas análise, exame, revisão, acúmulo e dados. Já o plano cartográfico da aula-simulacro compreende o jogo problemático, ausente regras e métodos *a priori*, mas livre para criar pensamentos, criar novas possibilidades de ver o mundo e transformá-lo. A aula de filosofia, nesse sentido, se constituiria como criação de conceitos.

O tempo desse jogo problemático corresponde ao tempo do rizoma – o heterogêneo –, sem começo nem fim, mas exclusivamente o meio onde tudo cresce, tudo se cria. O tempo do acontecimento; dos encontros dos corpos (educador e educando) para criar pensamentos, singularidades; da aceitação do acaso e suas consequências. Plano cartográfico de aula-simulacro como diferença acontecimental, um jogo na intensidade do tempo, um devir constante, na criação de singularidades coletivas.

Assim, como a Filosofia, em Deleuze, consiste em ser uma arte de criar, formar, de fabricar conceitos, a constituição ontológica da aula de filosofia não deve abarcar uma identidade, mas expressar a *diferença em si*, uma diferença de potencial, de intensidade pura e imensurável. Quanto a sua *prática*, ela deve ser um ato de criação de conceitos, uma atividade de pensamento. A aula de Filosofia como diferença em si não pode ser *explicada*, ela *implica* num contínuo devir irrepresentável, que não cabe no plano de aula comumente elaborado nos sistemas educacionais. Quando a aula repete, aparece a diferença, como algo no novo, diferindo daquilo pela qual repete, pois na sua própria origem difere de si mesma. Na repetição, trata-se do círculo descentrado do eterno retorno como um princípio ativo que possibilita a diferença, como atividade de pensamento, fazendo de toda aula um ato criativo: de criação do novo, de acontecimentos e de devires.

ONTOLOGIA DA AULA DE FILOSOFIA: UM ACONTECIMENTO DIFERENCIAL

A filosofia é devir, não história; ela é coexistência de planos, não sucessão de sistemas. (DELEUZE; GUATTARI)

A constituição de uma ontologia da aula de filosofia para o ensino médio tem como foco intensivo a atividade *exclusiva* de criar conceitos e diferenças, tanto na sua construção como também na sua produção. Assim, a filosofia, enquanto uma ação livre, ao criar pensamentos, cria simultaneamente novas possibilidades de ver o mundo e transformá-lo. Dito de outra maneira, uma aula de filosofia que não se reduz a simplesmente interpretar, a dominar os conceitos já dados, instituídos, mas procura recriá-los, criar novos conceitos, pensar o ainda não pensado. Fazer da aula de filosofia um *diferencial* – criar conceitos, não apenas interpretá-los; ter uma compreensão, um domínio erudito da história da filosofia e seus filósofos; compor uma atividade de pensamento criativo, pois há, na grade curricular do ensino médio, as disciplinas que já se nutrem da função de interpretar, compreender, dominar o conhecimento, como, por exemplo, a língua portuguesa, a história, biologia; e cabe à filosofia a exclusividade do ato de criar conceitos, pensamentos sempre novos para criar saídas para os problemas.

O principal objetivo da aula de filosofia para os estudantes do ensino médio não é de formar filósofos eruditos, com o domínio sobre toda a história da filosofia e suas “*metodologias*”. Mas é estabelecer uma atividade de pensamento que, em contato com a filosofia, faça com que ela se torne uma ferramenta, um instrumento para os estudantes pensarem a própria realidade, criando um ponto vista sobre ela, tornando-se, assim, *pensadores autônomos*.

Uma aula de filosofia com uma corrente de ar fresco para o ensino de filosofia, uma maneira de inquietar, com novidades radicais, encontrando ações sempre novas para enfrentar as dificuldades, os obstáculos, os problemas. Um mergulho na filosofia não para tê-la como início ou fim, mas como meio para criar novos pensamentos, um ponto de vista próprio sobre a realidade, pois é no *meio* que brotam todas as coisas criativas e criadoras. No meio dos problemas, ausente de regras e de métodos *a priori*, mas livre para criar pensamentos, criar novas possibilidades de ver o mundo e transformá-lo. Pensar pelo meio é pensar o caminho do rizoma – o heterogêneo –, sem começo nem fim, pois exclusivamente o meio é onde tudo cresce tudo se cria. Um caminho do acontecimento, dos encontros dos corpos (educador e

educando) para criar pensamentos, singularidades; da aceitação do acaso e suas consequências. Uma aula de filosofia como diferença acontecimental, uma intensidade de devires constantes, na criação de singularidades coletivas. Diferente das aulas de uma educação formal, presentes nas orientações dos programas curriculares, com suas regras metodológicas, avaliativas, com metas e objetivos (habilidades e competências), um modelo que se repete, sedentário, que paralisa o pensamento, mantendo o *status quo*.

Constituir uma ontologia para aula de filosofia é também estabelecer uma relação de afetividade, intensidade com os conceitos filosóficos. Caso eles agradem, provocam, fazem pensar, fazem criar. É importante que o aluno capture-os, roube-os, recrie-os ou crie um novo conceito. Isso faz do conceito investigado um instrumento para pensar os problemas: aquele que deu origem a esse conceito e também os que contornam a realidade do estudante. Assim, o que está em jogo numa aula de filosofia é o ato criativo, a capacidade de criar os próprios pensamentos e não o simples domínio e a compreensão de um filósofo de um determinado período da história, tomando seu pensamento como uma verdade absoluta, sem problematizá-lo. Trata-se de fazer com que o estudante crie seu próprio estilo, um agenciamento de enunciação. Ao fazer esse caminho, isso não o exclui de ter um entendimento sobre a história da filosofia, de seus desdobramentos, pois não se cria um conceito a partir do vazio, do nada, mas de encontros. O importante – repetindo –, no encontro com a filosofia, é o ato de criar conceitos. Além desse contato com a filosofia (história), esta proposta mantém também uma relação transversal com outras atividades de criação: a Ciência (que cria *funções*) e a Arte (que cria *afectos* e *perceptos*). Um encontro com a filosofia, para dela se servir como ferramenta para criar um pensamento próprio, uma experimentação-vida, uma experimentação filosófica.

REFERÊNCIAS

CRAIA, Eladio Constantino Pablo. Deleuze e a ontologia: o ser e diferença. In: ORLANDI, Luiz. (Org.). **Diferença**. Campinas: Segmento, 2005. p. 55-90.

DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta e outros textos**. São Paulo, SP: Iluminuras. 2006a

_____. **Diferença e repetição**. Trad. L. Orlandi e R. Machado. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 2006b.

DELEUZE, Gilles; PARNET, C. **Diálogos**. Trad. Eloísa A, Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é Filosofia?** Rio de Janeiro, RJ: 34, 1992.

GALLO, Sílvio. **Deleuze e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Recebido em: 14/10/2010
Publicado em: 29/06/2012